

Retorno na reabertura das escolas

Volta às aulas presenciais não vem sem preocupações e riscos

Cecilia Machado

Economista, é professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV

No início do mês, muitas escolas voltaram a receber alunos para aulas presenciais. Em São Paulo, um terço dos municípios autorizou a reabertura. Na cidade de São Paulo, as escolas municipais estão funcionando para as atividades extracurriculares em dia e horários restritos. Já as aulas regulares devem ocorrer apenas a partir do mês que vem.

A volta às aulas presenciais não vem sem preocupações. Nos Estados Unidos, a decisão ficou por conta de cada estado, com base em cartilha elaborada pelo CDC (Center of Disease Control and Prevention) para várias modalidades de ensino —desde totalmen-

te remota até totalmente presencial. Apesar do enorme temor de pais, professores e da própria comunidade científica, muitos distritos escolares optaram pelo retorno presencial e, desde o final de agosto até o presente, a experiência tem sido bastante exitosa.

Dados compilados pela economista Emily Oster da Universidade de Brown e demais pesquisadores sobre 200 mil crianças em 47 estados mostrou taxa de infecção de 1,3 por mil crianças e 2,2 por mil funcionários ao longo das duas últimas semanas de setembro. Taxas similares foram obtidas para o Texas por outra fonte de dados: 1,4 por mil cri-

anças e 1 por mil funcionários. Os resultados obtidos até agora não indicam que as escolas sejam locais de alto contágio e transmissão como antes se imaginava.

É possível argumentar que as taxas de transmissão possam ser maiores no caso do Brasil, especialmente considerando diferenças na infraestrutura das escolas entre os dois países. Mas decretar que a abertura das escolas só pode se dar em ambiente 100% seguro, ou após a vacina, negligencia importantes riscos decorrentes do fechamento das escolas, incluindo seus efeitos indiretos na saúde das próprias crianças.

Entre os prejuízos está o déficit de aprendizagem, uma vez que o ensino remoto é substituído bastante imperfeito para as aulas presenciais, e as possibilidades de compensação —via reforço no ano que vem— são limitadas. A taxa de evasão escolar já alcança média de 9% nas diversas etapas do ensino médio, e pode aumentar ainda mais durante a pandemia.

Negros e pobres estão entre os grupos mais afetados, reforçando ainda mais nossas iniquidades.

Ocorre que a escola também é lugar de entrega de outros serviços igualmente importantes para o desenvolvimento das crianças, além do ensi-

no propriamente dito. Incluem a merenda, o atendimento de saúde (através de iniciativas com o Programa Saúde na Escola), a oportunidade de denúncia para quem sofre situações de violência dentro de casa.

Soma-se a estes fatores a crescente preocupação com o aumento da ansiedade e estresse trazidos pelo confinamento, e a consequente deterioração da saúde mental das crianças. Estudo publicado este ano no JAMA Pediatrics mostrou que 22.6% das crianças em Hubei reportaram sintomas de depressão após curto período de confinamento, comparado à média de 17,2% em estudos anteriores a pandemia. Condições econômicas adversas também estão associadas ao aumento de transtornos mentais das crianças, de acordo com estudo publicado no periódico Health Economics em 2019.

No Estados Unidos, 7,1% das crianças de 3 a 17 já foram diagnosticadas com ansieda-

de. Um adicional de 3,2% neste grupo sofre de depressão, de acordo com estatísticas da CDC. No Brasil, relatório da Organização Pan Americana para a Saúde releva que a saúde mental é responsável por 16% das doenças entre 10 e 19 anos, e que o suicídio é a terceira principal causa de morte nas idades de 15 a 19 anos. Metade de todas as condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, e os efeitos adversos desta condição se manifestam por muitos anos. Transtornos mentais também estão associados à perda salarial e ao aumento da dependência em assistências no futuro.

A pandemia agrava todas estas condições, e o fechamento contínuo das escolas exhibe efeitos adversos não desprezíveis na saúde física e mental dos estudantes, além de prejuízos econômicos através do déficit de aprendizagem. Se todas as vidas importam, não se pode deixar a vida das crianças e dos adolescentes fora da conta.